



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL**

**CAMPUS CERRO LARGO**

**LETRAS PORTUGUÊS E ESPANHOL**

**INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS LINGUÍSTICOS**

**PROFESSORA CAROLINE M. SCHNEIDERS**

**ALUNOS: CARLINE, MARÍLIA E OLDISON**

**SEMINÁRIO SOBRE BETH BRAIT**

## **INTRODUÇÃO**

Beth Brait é uma professora, pesquisadora, crítica e ensaísta. Sua formação acadêmica foi feita na USP: graduação em Letras, doutorado e livre-docência em Linguística; o pós-doutorado foi feito em Paris, na École des Hautes Études en Sciences Sociales (Escola de Estudos Avançados em Ciências Sociais). É atualmente aposentada como professora. No início de sua carreira de docente, foi crítica militante de literatura no Jornal da Tarde e outros periódicos paulistas durante as décadas de 70 e 80, cabe dizer que na USP e no DL, principalmente, Beth Brait teve uma participação fundamental no momento da refundação do Departamento, quando este se libertou da opressão de um chefe ditador.

A atuação dela foi determinante para a mudança que possibilitou a renovação do DL, com a abertura de concursos para contratação de novos docentes, e permitiu o retorno de colegas que haviam migrado para outro departamento. É pesquisadora nível 1 do CNPq, assessora da CAPES, do CNPq e da FAPESP. Dentre os postos acadêmico-administrativos relevantes que ocupou destacam-se os de: Chefe de Departamento de Linguística na USP (1994-1997); Coordenadora na PUC-SP (2001-2009); Presidente da ANPOLL (2004-2006); Membro do Comitê Assessor do CNPq/Área de Letras e Linguística (2010-2013); Coordenadora do GT/ANPOLL Estudos Bakhtinianos (2010-2014).

A intelectual Beth Brait é uma das principais ou mesmo a principal conhecedora e difusora da teoria bakhtiniana no Brasil. Seu currículo é muito extenso, incluindo 311 artigos publicados e 43 livros. Suas grandes linhas de pesquisa são: Análise dialógica do discurso e Linguagem e trabalho.

## **LINGUA E LINGUAGEM**

Para Beth Brait, a língua, a linguagem tem existência histórica, social, cultural, diretamente ligada a grupos, sociedades, indivíduos. Seu ensino e aprendizagem também. (...) na escola, somente por meio da leitura e da escrita, da efetiva interação entre alunos/textos/contextos, o conhecimento é construído e o indivíduo, com o tempo, se desfaz das necessárias muletas (estratégias de ensino) para tornar-se sujeito, cidadão. (2010, p. 100).

Os falantes de uma dada língua combinam sua competência linguística com outras competências, o que lhes possibilita utilizar as formas linguísticas em diferentes contextos, em diferentes situações de comunicação, com diferentes finalidades. Os falantes não somente trocam informações e expressam idéias, mas também, durante um diálogo, constroem juntos o texto, desempenhando papéis que, exatamente como numa partida de um jogo qualquer, visam a atuação sobre o outro.

Pensamento de vários estudiosos: que um ato de linguagem é uma interação pelo fato de fundar-se no olhar avaliativo dos parceiros, isto é, daqueles que participam desse ato com a atenção profundamente voltada para todos os aspectos que, de alguma forma, interferem nesse evento.

Para que se possa analisar o processo interacional na conversação é necessário considerar a situação, as características dos participantes da interação em foco e as estratégias por eles utilizadas durante o diálogo

em sua obra *Literatura e Outras Linguagens*, transitando entre as teorias bakhtinianas que repousam nos conhecimentos da linguista, circundando os debates sobre os papéis e funções da linguagem:

A língua, a linguagem tem existência histórica, social, cultural, diretamente ligada a grupos, sociedades, indivíduos. Seu ensino e aprendizagem também. (...) na escola, somente por meio da leitura e da escrita, da efetiva interação entre

alunos/textos/contextos, o conhecimento é construído e o indivíduo, com o tempo, se desfaz das necessárias muletas (estratégias de ensino?) para tornar-se sujeito, cidadão. (2010, p. 100).

## **ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO**

Ao longo das aulas e dos estudos em torno de vários linguistas que nos ajudam a constituir um sentido dentro da linguagem, vemos que vários nos trazem o dialogismo em seus textos. É interessante pensar a respeito disso, pois a cada novo estudo, acabamos encontrando novos significados, e dentro destes novos significados, novos caminhos que podem ser seguidos e experimentados dentro de tais teorias.

Fiorin nos trouxe que o dialogismo são as relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados. Já para Bakhtin a orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo, em todos seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e intensa, ou seja, o dialogismo são as várias vozes.

Beth Brait, merecidamente uma das maiores estudiosas de Bakhtin no Brasil, nos traz o seu próprio entendimento acerca do dialogismo em seu artigo *Alteridade, Dialogismo, Heterogeneidade: nem sempre o outro é o mesmo*, publicado em 2012, no qual ela busca trazer um pensamento bakhtiniano produzido nos mais diferentes campos da comunicação:

[...] dialogismo como maneira filosófico-antropológica de encarar a linguagem e o ser humano. A compreensão desse conceito depende, necessariamente, de conceitos que se inter-relacionam, se interdependem: responsabilidade (responsabilidade e resposta), signo ideológico, enunciado concreto/enunciação, texto, discurso, relações dialógicas, gêneros do discurso, plurilinguismo, forças centrífugas e centrípetas, tema e significação, interação discursiva, entonação (avaliação social), polifonia, polêmica velada e aberta, formas e graus de presença do discurso de outrem em qualquer discurso, esferas de produção, circulação e recepção de discursos, dentre outros. (2012, p.87)

Assim sendo, o conceito de dialogismo para Beth Brait parte dos conceitos apresentados por Bakhtin em seus estudos, destrinchando o dialogismo bakhtiniano de uma maneira de melhor compreensão: o dialogismo são as vozes, vozes que estão presentes nos mais imperceptíveis níveis da linguagem, em esferas até mesmo em um diálogo mínimo.

## **CONCLUSÃO**

Ademais, com base nos conhecimentos adquiridos ao longo do semestre e através desta pesquisa, podemos salientar que Beth Brait não apenas sente-se imensamente confortável dentro de estudos bakhtinianos, como também busca levá-los adiante, colocando sua própria voz dentro do que já fora escrito por outros autores que seguem a mesma linha, desde o próprio Bakhtin.

Seus conhecimentos permeiam e contemplam conhecimentos prévios, e tirá-los de seus textos originais para reformulá-los numa voz própria dentro de uma das teorias mais estudadas dentro da linguística, é certamente algo incrível de se fazer. Mas não se engane, Beth Brait não repetiu o que outros estudiosos já falaram, mas sim, colocou novos temperos, pensamentos e ideias, complementando o que antes já soava completo. Não é a toa que esta é uma das linguistas mais conceituadas do Brasil atualmente.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BRAIT, Beth. **Literatura e outras linguagens**. São Paulo: Contexto, 2010.

BRAIT, Beth. **Alteridade, dialogismo, heterogeneidade: nem sempre o outro é o mesmo**. Rev. bras. psicanál, São Paulo , v. 46, n. 4, p. 85-97, dez. 2012.

PRETI, Dino; URBANO, Hudinilson; HILGERT, José Gaston; BARROS, Diana; ALVES, Ieda Maria; MORAES, Lygia; BRAIT, Beth; FÁVERO, Leonor ; LEITE, Marli; SILVA, Luiz Antônio. **Análise de textos orais: Volume 1**. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1999.

FIORIN, José; BARROS, Diana Luz Pessoa de; TATIT, Luiz; DISCINI, Norma. **O percurso da semiótica na USP: uma homenagem para Beth Brait**. São Paulo, 2017.